

RICARDO LÍSIAS

UMA CRÍTICA PESSOAL

Publiquei minha primeira resenha no início de 1999, acho que no jornal *O Globo*. Meu primeiro romance saiu no final do mesmo ano. Na década seguinte, dividi meu tempo entre a redação de uma boa dissertação de mestrado, uma tese de doutorado mediana, um conjunto numeroso de resenhas para a grande imprensa, alguns ensaios de maior fôlego para revistas especializadas e a produção de outros dois romances e um livro de contos. No sentido amplo do termo, vivi de literatura.

Naquela época, jamais pensei em separar o trabalho de criação do que pode ser algo mais propriamente reflexivo. Até hoje, inclusive, não me sinto muito confortável fazendo isso: há algum tempo tenho tentado incluir na ficção uma análise sobre o seu próprio estatuto.

Ainda assim, percebo agora que cumpri um percurso quase oposto no que diz respeito a essas formas diferentes de se aproximar da literatura. Em 2005, quando publiquei o romance *Duas praças*, eu era um crítico popular e, ao mesmo tempo, um ficcionista conhecido apenas por um certo grupo de leitores. Hoje, oito anos depois, publico quase apenas ficção e meus livros, guardadas as proporções da realidade brasileira, são bem conhecidos e discutidos. Enquanto parei de falar dos outros, estão cada vez mais falando de mim.

Não quero, porém, deixar a impressão de que existe necessariamente uma relação de causa e consequência no que estou levantando. Trata-se de outra coisa: na verdade, perdi o ânimo para escrever textos críticos. Espero que seja passageiro.

Minha colaboração mais estreita, no que diz respeito aos grandes jornais, deu-se em *O Estado de S. Paulo*. Colaborei eventualmente com os outros, mas foi no tradicional diário paulistano que publiquei a maioria

absoluta das resenhas que escrevi na década passada. O relacionamento com a redação era excelente. De vez em quando me propunham alguns livros e eu também era livre para sugerir outros. Talvez houvesse um acordo tácito: eu não recusava ofertas da redação e em contrapartida nenhuma das minhas propostas era negada.

As resenhas ocupavam aproximadamente três vezes mais espaço que as de hoje. Não havia direcionamento e nunca fui censurado ou recebi qualquer reprimenda por algo que tenha escrito.

Em algumas ocasiões, redigi textos maiores. Devo ter publicado por volta de uma ou duas páginas inteiras por ano e certa vez assinei um artigo de duas páginas sobre o incrível romance *As benevolentes* de Jonathan Littell. Eu gostava muito de escrever esses textos.

*

Nos seus quatro anos de existência, colaborei constantemente com a revista *Entrelivros*. Eu costumava escrever textos longos, às vezes de quatro páginas. Como a revista tinha boa circulação entre leitores de literatura contemporânea, sei que muitos souberam de minha ficção através do pé biográfico que acompanhava as críticas. Nos números especiais que a revista publicou cheguei até mesmo a redigir um pequeno guia do *Ulysses* de James Joyce. Ele continua útil em alguns cursos de graduação por aí.

Publiquei com menos constância mas grande afinho um conjunto de artigos em veículos especializados, como a revista *Novos Estudos* do Cebrap. Nesse caso, reforçava o que naquela época parecia ser o meu destino profissional: a carreira acadêmica.

Sinto um pouco de melancolia ao observar agora que, se em 2001 era esse um cenário claro e agradável para mim, e em 2005 ele parecia estabilizado, no final da década tudo havia mudado. À melancolia acrescento certa dose de vertigem por conta da velocidade com que a rota se alterou.

Com relação à carreira acadêmica (e portanto minha colaboração mais interessada e estreita com veículos especializados), participei na mesma década de um concurso para professor da USP. Apesar de naquele momento contar com um bom currículo e de ter redigido uma prova escrita, sem cabotismo, que me satisfizes bastante, fiquei em décimo primeiro lugar em um total de, salvo engano, doze candidatos. Tentei também prestar um concurso similar na Unicamp, mas fui desclassificado, antes das provas, por aparentemente não ter entregue uma cópia do meu documento de identidade. Por fim, na mesma Unicamp, inscrevi-me em 2010 para uma pesquisa de pós-doutorado. Um antigo professor com quem eu discutira vários anos antes achou o novato que aceitara ser o supervisor do meu trabalho e então desisti da ideia. Com isso coloquei um ponto final na minha carreira acadêmica, ao menos por enquanto e no Brasil.^[1]

Escrevo tudo isso sem nenhum assombro ou constrangimento. Minha relação com o meio universitário é excelente. Tenho diversos amigos trabalhando em várias universidades, de vez em quando vou a alguma falar sobre os meus livros e críticos do porte de Leyla Perrone-Moisés e Pedro Meira Monteiro escreveram sobre a minha ficção. Da mesma forma, meus textos vêm sendo estudados em pesquisas que vão da iniciação científica ao pós-doutorado. Às vezes, como na recente coletânea *O futuro pelo retrovisor*,^[2] aparece um ótimo artigo assinado por um professor universitário sobre o meu trabalho.

Não tenho dúvida de que estão no interior das boas faculdades os discursos mais consistentes e interessantes sobre literatura, inclusive a contemporânea. Ainda assim, creio que a universidade brasileira precisa compreender os escritores não apenas como objeto de estudo, mas também como colaboradores.

Aqui, noto outra vez o percurso de mão dupla: enquanto vou me afastando da vida acadêmica como profissão, a universidade cada vez mais acolhe os textos que assino.

Em 2008, a revista *Entrelivros* fechou. Alguns números especiais foram publicados depois, como se representassem uma espécie de último fôlego do cadáver. A morte definitiva deve ter acontecido no final da década. Quando acabou, a revista era bem conhecida no meio literário e circulava entre professores, escritores, editores e admiradores de literatura. Mesmo assim, e até onde foi divulgado, ela não produzia o lucro desejado pelo proprietário da companhia que a publicava.

Salvo engano, nunca uma revista exclusivamente de literatura ultrapassou pouquíssimas décadas de vida no Brasil. *Bravo e Cult* mantêm-se nas bancas, mas as duas abrem suas páginas para outros gêneros artísticos e, sabemos, equilibram o orçamento com dificuldade. *Piauí* é uma revista híbrida também, embora de outra natureza.

Não consigo entender as razões disso e tentarei expressar meu constrangimento de maneira bastante objetiva. Qualquer pessoa que for às maiores livrarias de São Paulo em um sábado à tarde testemunhará a enorme quantidade de público. E pouca gente está ali só por causa do café ou esperando o amigo para ir ao cinema. As filas no caixa são enormes. Sabemos que edições caras de alguns livros destinados ao público adolescente (como por exemplo os que se convencionou chamar de “fantasia”) vendem muitas vezes mais de meio milhão de exemplares.

Existe público interessado em livros de ficção no Brasil. Talvez ele não se importe tanto com o que chamamos de “alta literatura”. Mas nem disso estou bem certo. No momento em que escrevo, *Toda poesia* de Paulo Leminsky continua na lista dos mais vendidos. E a Festa literária de Paraty aparece no Jornal Nacional. Então, o problema não deve ser esse...

Não sei qual é, mas tenho outro constrangimento. Existem ao menos duas revistas que tratam exclusivamente de aeromodelismo no Brasil, outras duas que só falam de pôquer e no mínimo cinco voltadas para a corrida de rua. Há vários periódicos especializados em musculação, inclusive um voltado apenas para os suplementos alimentares, as chamadas “bombas”. São publicações de nicho, mas que alcançam seu público e geram lucro. Se não existir algum grave equívoco de concepção, circulação, publicidade e todo o resto nas revistas literárias que nascem e

morrem entre nós, sou obrigado a concluir que os viciados em pôquer e os caras bombados gostam mais de ler e conhecer seus hábitos do que os interessados em literatura no Brasil.

*

No final da década, recebi a recomendação de que minhas resenhas precisariam ser mais curtas. A redução não era exclusiva dos suplementos literários. Os jornais diários como um todo passaram a publicar textos menores. Alguns chegaram até mesmo a promover oficinas internas na redação, para que seus jornalistas aprendessem a ser mais concisos.

A explicação é conhecida de todos: perdendo muito público para a internet, os jornais resolveram aderir à tendência da rede pelo texto curto. Não deve ter dado muito certo, pois o tempo passa e com ele o público dos jornais diários vai cada vez mais optando por se informar com agilidade redobrada no meio online. Para os jornais impressos, certamente as chamadas *hard news* estão com os dias contados.

Ainda assim, em vez de oferecer um produto alternativo, os grandes veículos resolveram adotar um formato parecido com a internet para tentar concorrer com ela. Algo como se eu, em um dia meio infeliz, resolvesse arranjar briga com o Anderson Silva... Vislumbro apenas duas conclusões: ou os controladores dos grandes jornais têm graves problemas cognitivos, ou estão de caso pensado conduzindo-os ao fim.

Acabei perdendo o interesse. As resenhas que os jornais publicam hoje equivalem a posts no Facebook. Dá para fazer um por dia, o que inevitavelmente barateia a reflexão. Em 1800 caracteres, consigo apenas dizer o nome do livro, o autor e mais nada. Logo chega o pé biográfico. Não consigo sequer mais ler os suplementos culturais. Não lembro há quanto tempo folheei o último.

Não quero encerrar em um tom melancólico. Minha vida está bacana. Ao contrário de muitos autores da minha geração – da mais velha nem se fala – ,não tenho nada contra o meio digital. Ainda prefiro os livros

impressos, mas apenas porque posso escrever nas margens. Assim que meu hábito for atendido pelos *tablets* (se ainda não tiver sido), vou aderir a um deles.

Talvez eu esteja simplesmente em compasso de espera. No final deste texto, me faz bem pensar que estou aprendendo mais sobre o meio digital para poder depois usá-lo melhor com a crítica e a reflexão.

*

Não é mesmo adequado concluir com um tom de melancolia. Como a empolgação sempre me pareceu vulgar, vou apostar na via de mão dupla que me trouxe até aqui. Recebi o convite, há alguns dias, para reunir meus textos críticos em uma coletânea que será publicada exclusivamente online. Enfim, mesmo que minha identidade de crítico tenha sido ofuscada pela de ficcionista, os textos que escrevi com tanto prazer na década passada serão resgatados e felizmente deixarão de embrulhar peixe.

Mas preciso observar um detalhe: sou hoje um ficcionista com certo reconhecimento, e é isso que vai orientar a leitura dos meus textos críticos, até porque não escrevo nada nesse gênero há alguns anos... O ciclo se completou: a crítica será algo exótico e complementar na minha obra, embora absolutamente contra a minha vontade.

Não existe hierarquia entre gêneros. O que há no Brasil é uma forte tendência à acomodação e à pureza dos espaços, provavelmente em busca de assimilações mais rápidas. Tudo se encaminha para uma espécie de pureza boba. O bom comportamento de muitos de nossos escritores, mesmo no que diz respeito aos gêneros literários, é um sinal de que eles aceitam com facilidade esse confinamento. Qual grande ficcionista brasileiro foi também professor em uma das nossas maiores universidades? A vida intelectual brasileira recusa seu lado estético.^[3] É uma pena, pois para mim um bom ensaio é uma obra de arte. E qualquer manifestação artística de qualidade faz pensar com profundidade.

Não sei se os intelectuais brasileiros continuam gostando de miséria,

mas permanecemos fiéis à pobreza, inclusive nas possibilidades de reflexão.

[1] Depois da minha decisão, vivi ainda um incidente sintomático. Uma pessoa com quem conversava esporadicamente durante o meu curso de mestrado, e que hoje dá aulas em uma universidade pública, procurou-me para dizer que seu departamento abriria um concurso para professor em que ela “teria poder” e garantia que se eu me inscrevesse, seria “provavelmente” aprovado. Como foi insistente, voltando a me procurar dias depois, resolvi dizer que então escreveria um memorial e esqueci o assunto. Um pouco antes da abertura das inscrições, com toda tranquilidade, a mesma pessoa voltou a me procurar para dizer que infelizmente outro candidato de sua preferência iria se inscrever... Tudo isso ainda antes de as inscrições serem abertas! Não escrevo para fazer nenhum tipo de denúncia: há dez anos esse tipo de coisa me irritava bastante; hoje acho curioso observar a importância com que muita gente trata os seus meios de ganhar a vida.

[2] VIDAL, Paloma. Stefania Chiarelli e Giovanna Dealtry (org.) *O futuro pelo retrovisor. Inquietudes da literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

[3] Mesmo Nuno Ramos, que tornou nebulosa sua identidade artística com o mesmo brilhantismo de seus melhores textos, não costuma fundir gêneros. Mas estou indo além do assunto do meu texto.

RICARDO LÍSIAS é doutor em Letras pela FFLCH-USP, autor dos romances *O livro dos mandarins* (2009) e *O céu dos suicidas* (2012) e *Divórcio*, publicados pela Alfaguara. Foi eleito um dos vinte melhores jovens escritores brasileiros pela revista *Granta*.
